



EM BUSCA DE UMA LITERATURA DO CONTEMPORÂNEO: UM BREVE OLHAR SOBRE A CONTEMPORANEIDADE DO POEMA “ODE TRIUNFAL”, DE FERNANDO PESSOA

IN SEARCH OF A LITERATURE OF THE CONTEMPORARY: A BRIEF LOOK AT THE CONTEMPORANEITY OF THE POEM “TRIUMPHAL ODE”, WRITTEN BY FERNANDO PESSOA

Jefferson de Moraes Lima*

* jefferson.dfn@gmail.com

Doutorando e Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro — UERJ (Rio de Janeiro, RJ).

RESUMO: Este artigo analisa a ideia de *contemporaneidade* apresentada por Giorgio Agamben, observando suas características. Propõe uma aproximação entre Filosofia e Literatura e, com base em textos de Walter Benjamin — que exerceu forte influência sobre o pensamento do filósofo italiano —, busca unir o anjo da história ao indivíduo *contemporâneo*. Com apoio teórico em Theodor Adorno, reflete sobre os prováveis traços de uma *literatura do contemporâneo* — uma arte literária que dialogue com a ideia inicialmente apresentada. Finalmente, estabelecendo um recorte histórico com base no tema abordado, verifica a existência desses prováveis traços na poesia de Fernando Pessoa, mais especificamente nos versos do poema “Ode Triunfal”, assinado pelo heterônimo Álvaro de Campos.

PALAVRAS-CHAVE: Giorgio Agamben; contemporaneidade; Walter Benjamin; literatura do contemporâneo; Fernando Pessoa.

ABSTRACT: This article analyzes the idea of *contemporaneity* presented by Giorgio Agamben, observing its characteristics. It proposes an approximation between Philosophy and Literature and, based on texts of Walter Benjamin — who exerted strong influence on the Italian philosopher’s thought —, aims to connect the angel of history to the *contemporary* individual. With theoretical support in Theodor Adorno, it also reflects on the likely features of a *literature of the contemporary* — a literary art that dialogue with the idea previously presented. Finally, it establishes a historical approach based on the discussed topic and verifies the existence of those likely traces in Fernando Pessoa’s poetry, more specifically in the verses of the poem “Triumphal Ode”, signed by the heteronym Álvaro de Campos.

KEYWORDS: Giorgio Agamben; contemporaneity; Walter Benjamin; literature of the contemporary; Fernando Pessoa.

Desejamos, primeiramente, fazer deste breve artigo um local propício a um diálogo profícuo entre a Literatura e a Filosofia, entendidas aqui como duas disciplinas do saber universal. Estamos cientes de que são duas ideias substancial e objetivamente distintas, isto é, reconhecemos que o *fazer literário* não é igual ao “fazer filosófico” e que os objetivos da Filosofia não se equiparam aos da Literatura — se é que podemos falar da existência de um “fazer filosófico” e se é que a Literatura como tal possui algum objetivo. Todavia, nossa tentativa de aproximação entre essas duas ideias evidentemente tão distintas acha-se ancorada naquilo que está disposto em *Origem do drama barroco alemão*, em cuja introdução Walter Benjamin explica que, enquanto um conceito, por sua intenção de definir ou determinar um sentido, morre tão logo esse sentido se vê atualizado ou superado com o tempo, uma ideia sempre há de procurar cercar-se de outras ideias, com a finalidade de garantir a sua própria vida, ampliando, assim, as possibilidades de sentido em relação àquilo que está sendo observado. Desse modo, entendemos que, pela aproximação entre a Literatura e a Filosofia, ser-nos-á possível aprimorar a análise do nosso objeto de estudo central, a saber: o texto literário.

Com vistas a cumprir esse nosso objetivo primário, o nosso ponto de partida será a análise da ideia de *contemporaneidade* presente na filosofia de Giorgio Agamben. Neste

primeiro momento, observaremos as características do que ele entende como (indivíduo) *contemporâneo* e, para uma melhor compreensão desse seu entendimento, mais adiante refletiremos sobre a relação entre essa ideia e a figura do *anjo da história*, presente na filosofia de Walter Benjamin — que exerceu grande influência sobre o pensamento de Agamben sobre o tema —, abrindo espaço para a reflexão acerca da possibilidade de uma arte literária que estabeleça algum diálogo com a ideia apresentada na filosofia *agambeniana*.

O ponto de partida da nossa análise tem apoio em um artigo escrito por Sedlmayer, no qual a autora reflete sobre a contribuição do pensamento crítico de Agamben para os estudos literários. Concordando que os livros de Agamben “nos oferecem um mapa de descrição e análise do paradigma político-moderno, do tempo em que vivemos”,¹ ensejamos agora lançar um olhar reflexivo sobre a ideia de *contemporâneo* apresentada por esse filósofo para, em um segundo momento, por razões a serem mais bem compreendidas posteriormente, verificar a presença dessa *contemporaneidade* em um poema específico de Fernando Pessoa.

A palavra “contemporâneo” relaciona-se, comumente, a algo ou a alguém que se define como atual ou coexistente, pertencente ao tempo presente, aos dias atuais, ao *agora*. É

1. SEDLMAYER. *O pensamento crítico de Giorgio Agamben e sua contribuição para os estudos literários*, p. 363.

essa a definição sustentada por grande parte dos dicionários da Língua Portuguesa — e de outras línguas neolatinas, como o italiano, diga-se de passagem. Entretanto, no ensaio *Che cos'è il contemporaneo?*, Agamben abre espaço para a ressignificação desse vocábulo; para o filósofo, o *contemporâneo* é inatual, deslocado e anacrônico, alguém que não se integra — e com segurança também podemos dizer que não se entrega — totalmente ao próprio tempo e que se vê incapaz de se adequar perfeitamente às suas pretensões.

Para Agamben, a *contemporaneidade* é “uma singular relação com o próprio tempo”;² trata-se de uma relação por meio da qual o indivíduo *contemporâneo* adere à sua época, mas concomitantemente dela toma distâncias e, justamente por esse distanciamento, é capaz de perceber o seu tempo mais (e melhor) do que os outros indivíduos da mesma era — os *não contemporâneos*, aqueles que se integram perfeitamente ao próprio tempo e se adequam totalmente às suas pretensões. Graças a esse distanciamento, o *contemporâneo* de Agamben é capaz de perceber muito além das luzes (dos “avanços” e “progressos”) do seu tempo; sua atenção se volta principalmente para uma escuridão que se esconde por trás dessas luzes ou que — pior —, mais do que isso, nutre-se delas.

A *contemporaneidade*, vista sob essa perspectiva, dá ao indivíduo uma percepção singular da sua época e, por conseguinte, de si mesmo, do paradoxo da sua própria existência:

apenas o *contemporâneo* percebe, angustiado, que entre as luzes e o escuro do seu próprio tempo não há possibilidade de separação. Para ilustrarmos essa ideia, podemos recorrer a um dos textos mais conhecidos de Platão: a “alegoria da caverna”, na *República* (514a-517c), onde, em diálogo com Glauco, Sócrates propõe uma situação hipotética na qual há homens que vivem acorrentados em uma caverna desde a infância. Dadas as circunstâncias desses homens, eles não sabem que estão em uma caverna — talvez, sequer saibam que são homens ou o que ser humano significa. Se um deles conseguisse libertar-se das correntes e alcançar o lado de fora, além de saber da existência de uma caverna, ele se depararia com um mundo maior e mais complexo do que aquele com o qual estava acostumado outrora. Além disso, muito mais do que os companheiros que permaneceram do lado de dentro, ele conheceria a dureza da sua efêmera condição: já não poderia iludir-se com a chama que produz figuras distorcidas no interior da caverna e muito provavelmente não conseguiria convencer os seus companheiros da realidade extrema que ele pôde observar sob a luz do sol. Assim é o *contemporâneo*! Pela percepção singular que ele tem do seu próprio tempo, pela capacidade de enxergá-lo claramente pelo lado de dentro e pelo lado de fora, há algo no interior do seu “tempo-caverna” que chama muito mais a atenção do que as suas luzes: é justamente a sua densa escuridão. Como Agamben explica, ele “percebe o escuro

2. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?*, p. 59.

do seu tempo como algo que lhe concerne e não cessa de interpelá-lo, algo que, mais do que toda luz, dirige-se direta e singularmente para ele”.³

Por tomar a distância necessária a toda boa observação, o *contemporâneo* é, para Agamben, capaz de perceber mais e melhor não apenas o seu tempo, mas todos os outros, estabelecendo entre eles uma relação. Para esclarecer essa ideia, o filósofo italiano fala da semelhança entre a *contemporaneidade* e a moda. Isso porque o tempo da moda é inapreensível, e, tal como ela, a *contemporaneidade* é capaz de pôr “em relação aquilo que inexoravelmente dividiu, re-chamar, re-evocar e revitalizar aquilo que tinha até mesmo declarado morto”.⁴ Em outras palavras, o *contemporâneo*, por encarar os olhos da sua própria época, consegue enxergar todas as outras, tornando-se, assim, contemporâneo — *in lato sensu* — dos homens de todas as eras passadas e vindouras, sendo capaz de perceber que todos os tempos são igualmente obscuros, que há uma obscuridade que permeia todas as eras a despeito de todas as suas luzes, isto é, apesar de todos os “progressos” de qualquer civilização. E, segundo o filósofo italiano, “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”⁵.

Walter Benjamin, como já dissemos, foi um dos filósofos que mais influenciaram o pensamento de Agamben

em relação à sua ideia de *contemporaneidade*. Isso se torna perceptível quando consideramos a nona tese em *Sobre o conceito de história*, onde o filósofo alemão, partindo da análise de um quadro chamado *Angelus Novus*, de Paul Klee, apresenta a seguinte reflexão:

Nele, está representado um anjo, que parece estar a ponto de afastar-se de algo em que crava o seu olhar. Seus olhos estão arregalados, sua boca está aberta e suas asas estão estiradas. O anjo da história tem de parecer assim. Ele tem seu rosto voltado para o passado. Onde uma cadeia de eventos aparece diante de nós, ele enxerga uma única catástrofe, que sem cessar amontoa escombros sobre escombros e os arremessa a seus pés. Ele bem que gostaria de demorar-se, de despertar os mortos e juntar os destroços. Mas do paraíso sopra uma tempestade que se emaranhou em suas asas e é tão forte que o anjo não pode mais fechá-las. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, para o qual dá as costas, enquanto o amontoado de escombros diante dele cresce até o céu. O que nós chamamos de progresso é essa tempestade.⁶

O anjo da história apresentado por Benjamin tem bastante semelhança com o que Agamben chama de *contemporâneo*. Notemos que, embora volte o seu rosto para o passado, o seu olhar está fixo nos olhos do presente, do qual se aproxima e

3. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?*, p. 64.

4. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?*, p. 68.

5. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?*, p. 63.

6. BENJAMIN. *Sobre o conceito de história*, p. 226.

do qual deseja afastar-se, concomitantemente. Por sua habilidade singular de percepção, ele enxerga, sozinho, a aproximação da desgraça que acompanha a tempestade que é chamada de “progresso”. O anjo, que na cultura judaico-cristã geralmente aparece para proteger os indefesos, anunciar a providência divina aos que dela necessitam ou ser porta-voz da salvação da humanidade, em Benjamin aparece apenas para denunciar a proximidade de uma inevitável catástrofe. Como explica Mate em *Meia-noite na história* — livro no qual se tem uma análise bastante consistente das teses do filósofo alemão —, “o anjo, fiel à sua significação, converte-se no mensageiro autorizado do testamento benjaminiano”.⁷ Como ainda diria o filósofo espanhol, o mensageiro de Benjamin percebe que o “progresso, no fundo, é um processo de ruínas e cadáveres”,⁸ e para entendermos isso basta que tenhamos em mente a oitava tese do filósofo alemão, onde ele denuncia que entre o “progresso” e o fascismo há uma relação de cumplicidade. Essa denúncia consiste no fato de que, como explica Mate, “para os oprimidos, o estado de exceção é permanente”, e todos os “progressos se dão sobre as costas de uma parte da humanidade”.⁹

O *contemporâneo* é como o anjo da história. Sobre ele, talvez ainda possamos dizer o mesmo que Baudelaire teria dito sobre si próprio em determinada ocasião: seus “olhos não veem no passado, na profundidade dos anos, nada além

do desengano e da amargura, e, à sua frente, senão a tempestade, onde não está contido nada de novo, nem ensinamentos nem dores”.¹⁰ Em outras palavras, o *contemporâneo* percebe que a modernidade nada consegue além de repetir o de sempre, apoiada na promessa de um grande “progresso” que exige altos custos sociais e que atenta contra a vida e a dignidade humanas, futilizando e multiplicando o sofrimento do homem.¹¹ Somente ele é capaz de perceber que esse “progresso” nunca é um direito de todos, pois cruelmente vem sempre à custa da opressão de vidas que ele exige que sejam ignoradas, esquecidas ou silenciadas para que possa constituir-se como tal.

O *contemporâneo* também é o único a notar que o “progresso” é alheio à vida e requer que a vida lhe esteja subordinada; sequer a ameaça à sobrevivência do planeta ou da própria humanidade é capaz de paralisar as suas engrenagens. Esse é o dogmatismo progressista criticado por Benjamin na sua décima terceira tese, na qual se lê que a teoria socialdemocrata determinava-se por uma concepção de progresso não condizente com a realidade. Nessa tese, o filósofo alemão denuncia que a socialdemocracia, como explica Mate, fazia “confusão entre progresso técnico da humanidade, isto é, avanço em termos de aptidões, e progresso da humanidade em termos de humanidade”.¹² Se a concepção de progresso da socialdemocracia fosse verdadeira, os

7. MATE. *Meia-noite na história*, p. 207.

8. MATE. *Meia-noite na história*, p. 22.

9. MATE. *Meia-noite na história*, p. 11.

10. Apud BENJAMIN. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, p. 144.

11. cf. MATE. *Meia-noite na história*, p. 217.

12. MATE. *Meia-noite na história*, p. 281.

avanços tecnológicos estariam sempre a serviço da vida, e o *contemporâneo* não perceberia, por exemplo, como diria Mate, que “o mesmo homem que descobre o átomo que cura o câncer pode fabricar a bomba atômica com que pode destruir seu próprio mundo”.¹³

Mantendo a aproximação entre Literatura e Filosofia, desejamos agora refletir sobre quais seriam os prováveis traços de uma arte literária que dialogue com a ideia de *contemporaneidade* apresentada por Agamben. Para isso, abriremos espaço para algumas considerações feitas por Theodor Adorno na *Filosofia da nova música* em relação à nova arte, à obra de arte moderna.

Por meio do que, via Agamben, aqui chamamos de *contemporaneidade*, entendemos que uma *literatura do ‘contemporâneo’*, isto é, uma arte literária que se aproxime da ideia apresentada por esse filósofo, provavelmente seja uma arte que tenha, tal como diria Adorno, maior segurança “na ‘consciência dos sofrimentos’, na dor ilimitada que aflige os homens”¹⁴ — e nada aflige mais o homem *contemporâneo* do que a sua existência efêmera; nada o desespera tanto quanto a sua impotência diante da crueldade do tempo e da morte como *factum*.

Uma *literatura do contemporâneo*, segundo o nosso entendimento, seria como a nova arte observada por Adorno:

uma arte que choca, que é desagradável, que “tomou sobre si todas as trevas e as culpas do mundo”.¹⁵ E, no intuito de evidenciar a obscuridade que tomou sobre si, ela não desejaria de modo algum ser consolação; far-se-ia feliz por reconhecer a infelicidade e bela por denunciar, ainda que ironicamente, a ausência de beleza percebida pelo olhar *contemporâneo*. Tratar-se-ia, portanto, de uma literatura que não teria preocupação de ser agradável ou confortável e que, mais precisamente por isso, não seria facilmente digerida — ou, frisem-se as aspas, “compreendida” — por aqueles que não experimentam a *contemporaneidade* como “fenômeno de percepção”. Ao olhar para o tempo com criticidade, essa forma de literatura trabalharia o (ou com o) desespero do homem, tirando-o da sua “zona de conforto”; não seria uma literatura meramente distrativa e divertida, mas incômoda: uma arte literária que alimentaria a consciência crítica do homem *contemporâneo*, como se quisesse organizar o seu desespero. Nesse sentido, de acordo com o nosso pensamento, ela faria sempre — ainda que indiretamente — um convite ao questionamento, ao pensamento, à reflexão, à observação sutil de fraturas que, embora não estejam expostas, angustiam homens de todo e qualquer tempo, de toda e qualquer civilização.

Diante da ideia de *contemporâneo* apresentada por Agamben e da rica contribuição oferecida por Benjamin e

13. MATE. *Meia-noite na história*, p. 284.

14. ADORNO. *Filosofia da nova música*, p. 22.

15. ADORNO. *Filosofia da nova música*, p. 107.

Adorno, começamos a refletir sobre a possibilidade de manifestação do olhar do *contemporâneo* na poesia de Fernando Pessoa, chegando sem grandes dificuldades aos versos de “Ode triunfal”. E por que Pessoa? Por que esse poema especificamente? Para que se compreenda a razão da nossa escolha, basta que se observe a relação íntima que se estabelece entre as ideias de “progresso” e *contemporaneidade* e, a partir dessa observação, que se reflita sobre os avanços tecnológicos que experimentou a Lisboa na qual Pessoa escreveu esse poema sob o heterônimo Álvaro de Campos.

Desde a segunda metade do século XIX, o reino de Portugal vinha passando por diversas mudanças significativas. O telégrafo e, posteriormente, o telefone revolucionaram a área de comunicações. E, na área de transportes, o comboio foi a grande novidade do século, pois oferecia viagens mais rápidas e confortáveis do que a mala-posta, além de ter capacidade para transportar mais pessoas e mercadorias. Enquanto isso, faróis e portos foram construídos ou remodelados, e barcos a vapor começaram a substituir os barcos a vela, agilizando as viagens marítimas. Também não podemos deixar de mencionar a circulação dos automóveis, que na época eram considerados transportes de luxo, disponíveis apenas para pessoas com bastante poder aquisitivo, e que passaram a desfilar pelas estradas e pontes recém-reformadas ou construídas. Além

disso, novas técnicas aumentaram a produção agrícola, a indústria nasceu e cresceu com a descoberta da máquina a vapor, dando origem às primeiras fábricas, cujas máquinas utilizavam carvão para trabalhar — o que ensejou o desenvolvimento da mineração —, e propiciando o surgimento de uma nova classe social: os operários. Havia água encanada, coleta de lixo, ruas mais iluminadas, prédios inspirados na arquitetura árabe ou greco-romana e construídos com novos materiais — como o ferro e o vidro. Ademais, Portugal foi inserido no cenário do comércio internacional, o que cooperou para o crescimento da economia portuguesa ao longo do século XX. Era, para os portugueses da época, a tempestade de grandes progressos.

É justamente por isso que essa época em particular nos chama a atenção, pois consideramos que épocas de grandes “progressos” — marcadas por intenso desenvolvimento tecnológico, econômico, infraestrutural, científico etc. — são mais propícias à observação da *contemporaneidade* como fenômeno da percepção apresentada por Agamben, devido à relação íntima que existe entre as luzes e a escuridão. Justamente nessa época, Lisboa tem Fernando Pessoa, um dos nomes mais proeminentes da Literatura Portuguesa.

Ao refletirmos sobre a poesia de Pessoa, voltamos para o heterônimo Álvaro de Campos, cientes de que em sua fase sensacionalista, como diria Cleonice Berardinelli,

“sobressaem os elementos da vida moderna — coisas e homens — o desejo de ser tudo e todos, de ‘sentir tudo de todas as maneiras’”.¹⁶ E entre os versos mais característicos dessa fase proposta por Berardinelli, está o poema “Ode triunfal”. Ademais, como esclarece Pereira em *O homem moderno na poesia de Álvaro de Campos e Carlos Drummond de Andrade*, esse poema é “o melhor exemplo na poesia de Álvaro de Campos da energia bruta da velocidade vertiginosa e agressiva do progresso e da civilização industrial com seus ruídos, sua visceral e mecânica anatomia”.¹⁷

Como vimos, *contemporâneo* é aquele que, fixando os seus olhos no seu próprio tempo e relacionando-o com o passado, é capaz de ver, como diria o compositor brasileiro Cazuzza em uma das suas canções mais famosas, nada além de “um museu de grandes novidades”. Isso porque, como Agamben explica, “entre o arcaico e o moderno há um compromisso secreto”;¹⁸ o *contemporâneo* assinala o presente como arcaico ao observar, naquilo que há de mais moderno e recente, a presença do passado. Isso é justamente o que faz Álvaro de Campos nos versos a seguir, retirados do poema em questão:

Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes eléctricas

Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo
[do século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes
[êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
[Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa só
carícia à alma.¹⁹

Nos versos acima, o poeta-engenheiro afirma que canta e, embora não cante “as armas e o varão”, como fizera o célebre poeta romano no primeiro verso do primeiro canto da *Eneida*, Álvaro de Campos evoca figuras da Antiguidade Clássica, associando-as às “maravilhas” da modernidade. O olhar do *contemporâneo* manifesta-se nos versos de “Ode triunfal” em momentos como esse, no qual o poeta percebe a presença do passado mais remoto naquilo que há de mais novo, moderno, recente. Entretanto, a nosso ver, essa percepção não é de modo algum ingênua, apaixonada — apesar de apaixonante; diante de grandes inventos dos tempos modernos, Álvaro de Campos olha com criticidade para as luzes (os “progressos”, os “avanços”) da sua época e, apesar de reconhecer neles a existência de uma beleza “totalmente desconhecida dos antigos”,²⁰ chama atenção para a experiência incômoda e dolorosa proporcionada

16. BERARDINELLI. *Fernando Pessoa: outra vez te revejo*, p. 285-286.

17. PEREIRA. *O homem moderno na poesia de Álvaro de Campos e Carlos Drummond de Andrade*, p. 53.

18. AGAMBEN. *O que é o contemporâneo?*, p. 70.

19. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 137-138.

20. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 137.

por essas grandes invenções. Para nós, Álvaro de Campos aqui não aparece como um mero “progressista”, mas como alguém que, vestindo-se como tal, usa de ironia para denunciar que, por trás das luzes de tantos e tantos “progressos”, se esconde uma densa e intensa escuridão.

Para além do seu incômodo em relação aos “grandes ruídos modernos”,²¹ já indissociáveis do quotidiano da Lisboa do início daquele século, notamos que Álvaro de Campos, tal como o *contemporâneo* e assim como o anjo da história benjaminiano, se coloca na posição de denunciar, artisticamente, aquilo que Benjamin evidencia na sua oitava tese. Em outras palavras, em “Ode triunfal” há a denúncia de um “progresso” que não existe para todos, de “avanços” que requerem, necessariamente, a exclusão de uma parcela da sociedade, como podemos observar nos versos transcritos a seguir:

A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
 Por velas quase irreais de estreiteza e podridão.
 Maravilhosamente gente humana que vive como os cães
 Que está abaixo de todos os sistemas morais,
 Para quem nenhuma religião foi feita,
 Nenhuma arte criada,
 Nenhuma política destinada para eles!
 Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
 Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,

Inatingíveis por todos os progressos,
 Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!²²

Álvaro de Campos parece manter uma relação peculiar com o seu próprio tempo e denunciar o que se esconde por trás da “dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica”²³ e que praticamente ninguém vê: aqueles que não têm voz, espaço e vez. Percebendo a ilusão catastrófica do progresso, ele, como *contemporâneo*, não se permite cegar pelas luzes do seu tempo, mas as neutraliza para descobrir as trevas do presente no qual ele está inserido — claro que artisticamente —, revelando a obscuridade íntima do seu século (e de todos os outros).

Por meio dos versos de “Ode triunfal”, podemos compreender melhor a relação do *contemporâneo* com o seu tempo; ele, que não se ilude diante dos progressos tecnológicos, tal como Álvaro de Campos, é tomado por uma necessidade de expressar a sua inquietação diante da obscuridade que se esconde por trás das ditas luzes. Para nós, a febre que incita o engenheiro sensacionalista a escrever a sua estrofe inicial é sinal de que ele, como *contemporâneo*, está intimamente angustiado diante das mazelas do seu século; o seu interior ferve diante de um mundo que a maior parte dos seus coetâneos é incapaz de perceber por estar completamente integrada à própria época, anestesiada pelo conforto das novas tecnologias, encantada com os novos ruídos do

21. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 137.

22. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 142.

23. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 137.

quotidiano — ruídos estes que são silenciadores e, ao mesmo tempo, têm um efeito ensurdecido. Essa febre, aqui, pode simbolizar o desespero do homem *contemporâneo*, que é o único capaz de compreender que na beleza das “grandes lâmpadas elétricas da fábrica”²⁴ reside a rapidez de todas as maquinarias e de todos os tipos de “progresso”, mas também “tudo o que passa e nunca passa”,²⁵ como por exemplo a banalização das vidas perdidas em nome dos “avanços” da civilização humana. É isso o que podemos notar nos versos a seguir:

Eh-lá grandes desastres de comboios!
 Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
 Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
 Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
 Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
 Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
 A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
 E outro Sol no novo Horizonte!
 Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
 Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,²⁶
 Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?²⁷

Neste breve artigo, vimos que o *contemporâneo* à luz do pensamento de Agamben é contemporâneo — *in lato sensu* — não somente dos homens que vivem no mesmo tempo que ele, mas dos homens de todos os tempos passados e

vindouros; como Álvaro de Campos, ele se sente “toda a gente e toda a parte”.²⁸ Vimos também que ele é aquele que, como o anjo da história *benjaminiano*, não confunde o progresso da humanidade em termos tecnológicos e científicos com o progresso da humanidade em termos de humanidade. Depois, refletimos sobre os prováveis traços de uma arte literária que interagisse com essa ideia de *contemporaneidade*. Alguns desses traços, para nós, estão presentes no poema “Ode triunfal”, em cujos versos Álvaro de Campos parece enxergar a obscuridade do seu próprio tempo (artístico). Ele, sofrendo de uma espécie de “febre de percepção” que lhe causa delírios de uma exacerbada consciência, evidencia de forma irônica — por meio de adjetivos como “maravilhoso” e “delicioso”, por exemplo — o fato de que os grandes inventos admirados pelos *não contemporâneos* dos tempos modernos fatalmente exigem que relações perversas se constituam, tudo em nome de um “progresso” excludente, insensível e opressor. Por isso, esses versos de Álvaro de Campos são, para nós, um forte exemplo daquilo que tomamos a liberdade de chamar de *literatura do contemporâneo*, uma arte literária que se torna cada vez mais indispensável no mundo hodierno — tão rico de avanços tecnológicos, científicos, econômicos etc., mas ainda muito carente de progressos verdadeiros, em termos de humanidade.

24. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 137.

25. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 139.

26. Neste verso, o adjetivo “contemporâneo” é, naturalmente, utilizado pelo poeta em sua acepção usual.

27. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 143.

28. PESSOA. *Ode triunfal*, p. 144.

Por fim, não queremos aqui, por mais tentador que seja, apontar para essa forma de arte literária que identificamos e, de maneira romântica, parafraseando Dostoiévski, afirmar que é ela a beleza que salvará o mundo. Não obstante, se por um lado a arte literária (ou a arte de modo geral) não possui uma finalidade redentora, entendemos que o que chamamos de *literatura do contemporâneo* — seja ela de que época for — pode oferecer uma contribuição de valor inestimável para a consciência crítica do homem e uma compreensão melhor e muito mais profunda dos tempos passados, hodiernos e vindouros.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. Obras escolhidas, vol. I. 3 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-232.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire**: um lírico no auge do capitalismo. Obras escolhidas, vol. III. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.
- BERARDINELLI, Cleonice. **Fernando Pessoa**: outra vez te revejo. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.
- MATE, Manuel-Reyes. **Meia-noite na história**: comentários às teses de Walter Benjamin sobre o conceito de história. Tradução de Nélio Schneider. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2011.
- PEREIRA, Kleyton Ricardo Wanderley. **O homem moderno na poesia de Álvaro de Campos e Carlos Drummond de Andrade**. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) — Departamento de Letras da UFPE, Recife, 2009.
- PESSOA, Fernando. Ode triunfal. In: PESSOA, Fernando. **O guardador de rebanhos e outros poemas**. São Paulo: Cultrix, 1993, p. 137-144.
- PLATÃO. A alegoria da caverna: A República, 514a-517e. In: MARCONDES, Danilo (Org.). **Textos básicos de filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.
- SEDLMAYER, Sabrina. O pensamento crítico de Giorgio Agamben e sua contribuição para os estudos literários. **Revista FronteiraZ**, São Paulo, nº 9, dez/2012, p. 360-368.

Recebido em: 02-06-2018.

Aceito em: 28-11-2018.